

Lipis - 02



REFLEXÕES ACERCA DOS VÍNCULOS DE CUIDADO ENTRE AVÓS E NETOS NA ATUALIDADE

Paula Christina Pegado Ribeiro

Mestranda em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Pesquisadora Associada do Laboratório Interdisciplinar de Pesquisa e Intervenção Social (LIPIS/PUC-Rio). E-mail: paulapegado.psi@gmail.com.

Maria Inês Garcia de Freitas Bittencourt

Doutora em Psicologia Clínica pela PUC-Rio. Pesquisadora do Laboratório Interdisciplinar de Pesquisa e Intervenção Social (LIPIS/PUC-Rio). E-mail: mines71246@gmail.com.

Resumo: O estudo objetiva analisar os vínculos de cuidado entre avós e netos, na atualidade, tendo como instrumento entrevistas com avós integrantes e ex-integrantes do projeto *Cuidando de Quem Cuida*, que tem o apoio da ONG SBS/OPJ (Sociedade Brasileira para Solidariedade / Obra de Promoção dos Jovens), atendendo responsáveis e cuidadores das classes baixas da população carioca. Inicialmente, será feito um breve levantamento sobre as transformações sócio-históricas que atravessaram os papéis femininos, no público e no privado, e moldaram o papel da mulher, ao longo do tempo. Com as lacunas na função materna, em virtude do maciço ingresso da mulher no mercado de trabalho, busca-se, ainda, dentro da família, a continuidade do cuidado que, por sua vez, permanece relacionado à figura feminina. A partir disso, pode-se considerar que esse contexto contribui para a maior participação das avós no exercício da função materna, uma vez que essa lacuna no exercício da autoridade precisa ser preenchida para exercer uma função organizadora do psiquismo dos netos. Através da análise das entrevistas com as avós, observou-se aspectos da vida contemporânea que interferem nos vínculos de cuidado, como a transformação da educação e a referência ao passado como mantenedor da tradição e dos valores.

Palavras-chave: Vínculos de cuidado. Pós-modernidade. Sociedade de Consumo. Limite.

REFLECTIONS ON THE CARE LINKS BETWEEN GRANDMOTHERS AND GRANDCHILDREN IN CURRENT TIMES

Abstract: The study aims to analyze the care links between grandmothers and their grandchildren, using interviews with the grandmothers who are members or former members of the project *Cuidando de Quem Cuida*

(Taking Care of Carers), supported by the NGO SBS/OPJ (Sociedade Brasileira para Solidariedade / Obra de Promoção dos Jovens). Included in this research are the caretakers of the carioca lower classes. Initially the work will present the socio-historic changes that women's roles went through in private and in public, shaping women's positions as time went by. As women started to join the workforce in large numbers, gaps were created in the role of mother, and a figure that can provide continuous care within the family is still desired, and its image remains connected to womanhood. From this it's possible to consider that this context contributed for a larger participation of grandmothers filling the roles of mothers, once this gap in the exercise of authority needs filling, to play an organizing function in the psychic of their grandchildren. In this way, through analysis of the interviews with grandmothers it was observed aspects of modern life that interfere in the care links, such as the change in education and the references to the past as keepers of tradition and values.

Keywords: Care links. Post-modernity. Consumers society. Limit.

Introdução

O século XX testemunhou modificações radicais em ritmo nunca antes imaginado na História. O desenvolvimento da tecnologia, os progressos da comunicação, a modificação das práticas de trabalho e a criação de novos ambientes em detrimento dos antigos transformaram as condições da vida cotidiana nas cidades, com repercussões profundas nos indivíduos. Acentuaram-se os contrastes extremos entre riqueza e pobreza, decorrentes da explosão demográfica, dos deslocamentos de populações e da distribuição de renda desigual inerente ao sistema capitalista. Se por um lado o nível de conforto e as possibilidades de melhoria da qualidade de vida subiram em ritmo vertiginoso para um segmento da população, por outro lado, intensificaram-se as desigualdades de oportunidades, configuradas em graves problemas sociais como a miséria, a violência, o tráfico de drogas, etc. Paralelamente a estes fenômenos, a ideologia do consumo contamina hoje todas as classes sociais, tendo se tornado um elemento central na produção de valores, organizando comportamentos e relações. Assim, fenômenos como o declínio da função paterna associado aos novos papéis desempenhados pelas mulheres têm acarretado mudanças na configuração das famílias, incluindo-se aí todas as camadas sociais.

Propõe-se, aqui, priorizar os sentimentos de insegurança e incerteza vivenciados na contemporaneidade quanto ao cuidado das crianças e, conseqüentemente, ao desempenho da função materna em famílias das classes populares. Será destacado o papel atualmente desempenhado pelas avós nos cuidados com as crianças. Considerando o contexto sócio-histórico atual, propõe-se um diálogo com a Psicanálise, em especial destacando as ideias de Winnicott acerca da relação primária mãe-bebê, de modo a analisar o exercício da função materna pelas avós, frente ao quadro de carência parental.

As transformações do papel feminino e da família através da história

Para abordar as transformações do papel feminino e da família, ao longo dos anos, objetivou-se o percurso histórico, partindo do Brasil Colônia, apresentando o lugar da mulher dentro da família pobre e quais os seus papéis, para em seguida contrapor essa realidade das classes baixas com a família tradicional burguesa que serviu de modelo idealizado para a concepção de família.

Acredita-se ser fundamental essa breve revisão histórica dos diversos modelos familiares, pois cada camada populacional vivencia crenças, valores e tradições particulares. Com a ausência dessa contextualização, correria-se o risco de analisar as camadas pobres da sociedade carioca, objeto de estudo deste trabalho, de forma limitada.

Ao longo dos séculos, não só na cultura brasileira como em muitas outras, observou-se que o lugar do cuidador sempre foi destinado à figura feminina, sendo a mãe responsável pelos cuidados e educação das crianças. Esse olhar direcionado para a mulher situa a imagem do pai como alheia ao contexto dos cuidados iniciais com o bebê.

No que se refere ao Brasil, destaca-se que no período colonial a relação estabelecida entre homens e mulheres caminhava através da domesticação e escravização da mulher. A constituição dos papéis femininos foi sustentada por estereótipos e preconceitos transmitidos nos discursos padronizados estabelecidos pela igreja, pelo Estado e pelo poder masculino, ditando suas funções – maternidade, cuidado dos filhos e do corpo (DEL PRIORE, 1993).

Os reflexos da exploração do gênero feminino também podiam ser observados nas relações entre as próprias mulheres, pois estas marcavam suas diferenças e raramente se amparavam. No período da maternidade, era possível dialogarem através do apoio e dos laços de cumplicidade. Dedicar-se à maternidade era um refúgio ao controle masculino, do qual se defendiam do aproveitamento doméstico e sexual e do isolamento que a vida nesse período lhes trazia. O cuidado circulava através dos familiares e das vizinhas, uma vez que frequentemente com a ausência dos maridos – distantes da cena familiar – a mulher assumia a chefia e condução do lar (DEL PRIORE, 1993).

Apesar de sofrerem com os preconceitos e estereótipos vigentes sobre a passividade e o comportamento feminino, essas mulheres não se permitiam ser humilhadas pelos maridos. Mesmo vivendo de forma precária, com mais oportunidades de trabalho doméstico do que assalariado, tinham maior possibilidade de oferecer seus serviços do que os homens, visto

que, mesmo empregados, a instabilidade era um sentimento predominante. Por conta dessa instabilidade, os homens eram marcados pelo desemprego ou por baixos salários, estando em constante mobilidade geográfica em busca de trabalho. Esse distanciamento masculino da vida familiar deixava a mulher em situação de abandono, podendo passar anos sem ter notícias do marido. Dessa forma, muitas mulheres trabalhavam em suas casas como costureiras, rendeiras, lavadeiras, ou fora, na roça, ao lado de familiares. Nesse lugar, assumiam o trabalho dito masculino de carregar lenha, semear, colher (DEL PRIORE, 1997).

Apesar da mulher nessa camada da população promover o sustento da família, eram julgadas moralmente quanto a sua capacidade em cuidar dos filhos, sofrendo acusações de serem mães relapsas. No entanto, esses olhares moralistas eram mais frequentes às operárias industriais do que as que exerciam tarefas caseiras, tradicionalmente femininas.

Além disso, as mulheres pobres, na sua grande maioria, devido a sua intensa atuação e dedicação ao trabalho, não se moldavam às características impostas pela sociedade patriarcal e ditas universais ao sexo feminino: submissão, fragilidade, delicadeza. Por dedicarem-se ao trabalho, grande parte delas não formalizaram casamentos (DEL PRIORE, 1997).

Em consequência dessa intensa carga de trabalho e a escassez da participação masculina no cuidado dos filhos, a mulher das camadas populares tradicionalmente contava com o apoio da avó ou de outras pessoas que conviviam em sua rede familiar para cuidar das crianças. Segundo Del Priore (1997), essa circulação das crianças entre uma casa e outra é uma prática particular dos grupos populares proveniente de dois fatores: do valor da família extensa e da importância de o grupo familiar criar meios para a sobrevivência das crianças. Assim, a participação das avós no cuidado das crianças, hoje estendida a outras camadas da população (principalmente a classe média), se configura como uma prática antiga nas famílias de baixa renda.

A relação mãe-bebê e o papel da mãe-ambiente

Donald W. Winnicott, pediatra e psicanalista do século XIX, elaborou sua teoria do desenvolvimento emocional primitivo alicerçado no seu trabalho realizado em um hospital londrino. A partir da observação e do acompanhamento das mães com seus bebês, atingiu ampla experiência no campo relacional mãe-bebê e pode compor sua pesquisa.

Através de sua teoria, enfatizou a importância da relação mãe-bebê para a construção da subjetividade do sujeito. Para esse amadurecimento ser possível, o autor destaca a importância do processo de diferenciação do bebê em relação à mãe – mundo externo –, partindo da dependência absoluta até a busca pela independência. Inicialmente, o bebê encontra-se indiferenciado da mãe, necessitando de seus cuidados, olhar e sustentação para que futuramente possa se diferenciar da mesma e se sentir um sujeito integrado e capaz de reconhecer o ambiente externo e se relacionar com outras pessoas para além dela.

Dessa forma, para que o bebê exista enquanto sujeito, é fundamental que receba os cuidados maternos nos primórdios da vida, sendo este o caminho substancial da teoria de Winnicott. Cabe ressaltar que ao longo desta pesquisa, ao citar o termo “mãe”, faz-se referência à função materna em sua amplitude. Não é de intuito por de lado o papel da mãe nos cuidados iniciais do bebê, visto pois discorre-se acerca da importância do mesmo nos estudos de Winnicott. Colocar-se-á em discussão a sua transposição e relevância para o papel da mãe-ambiente enquanto meio nutridor responsável pelo desenvolvimento satisfatório do lactente, sendo exercido pelas avós enquanto campo deste estudo implicado nesta função.

Segundo Winnicott (1963), suprir as necessidades do lactente está para além do fisiológico. Para o pediatra, trata-se do psíquico. O papel materno, em um desenvolvimento satisfatório, proporciona ao bebê alcançar suas necessidades do ego, diferenciando-as das necessidades fisiológicas, as quais são atendidas e gradativamente frustradas no momento oportuno para que se evidencie e organize o lugar da agressividade. A tolerância à frustração e à criatividade encontra-se aqui. As fases iniciais são registros para a organização do ego em formação e parâmetros para convivência e atitudes na interação social (WINNICOTT, 1967).

É através dos cuidados iniciais tão íntimos e primários, como trocar a fralda, dar o banho, amamentar no seio ou na mamadeira e tomar o banho de sol, que se possibilitam as trocas sensitivas e de olhar entre a mãe e o bebê, fundamentais para que a subjetividade se molde (WINNICOTT, 1960). Neste ínterim, leva-se em consideração aspectos do sensível no lactente, como o tato, a temperatura, a audição, a sensibilidade visual e “a falta de conhecimento do lactente da existência de qualquer coisa que não seja ele” (WINNICOTT, 1960, p. 48). Através desses cuidados iniciais com ternura, transmitidos por uma voz melodiosa, sentidos por uma temperatura suave nos tecidos envolvidos no corpo erógeno do lactente, que os registros e os parâmetros iniciados para as próximas vivências são feitos.

O preenchimento para o nascimento psíquico do bebê é originário dessa relação e, principalmente, do olhar. É com este que a mãe o sustenta e o conforta. Existem mães que não podem sustentar um lactente, proporcionando sensações de insegurança (WINNICOTT, 1960). Sem um olhar seguro e real, o bebê poderá ficar imerso no vazio e na angústia, sem sustentação ou amparo. Do cuidado físico se alcança a unidade emocional para “*cuidar de si*” e se relacionar com o outro, posteriormente. Isto é, os cuidados recebidos pelo bebê preparam-no para o processo de diferenciação, que ocorre por volta dos seis meses de idade, permitindo que desenvolva a *capacidade de estar só*. Para isso, é essencial que a criança internalize o objeto cuidador (WINNICOTT, 1958). A *capacidade de estar só*, na presença do olhar cuidador, é a condição para a autonomia e suporte para todas as situações que despertem angústia e “estranhamento”. Pode-se aqui lembrar que, para Freud (1976[1919]), o estranho retrata, de fato, nada novo ou de outrem, mas, sim, algo familiar para a vida psíquica, estabelecido desde sempre, e que somente se fez estranho pelo recalque.

Refletindo acerca dos atravessamentos da cultura em nossas vidas, é significativo estudar o processo intitulado mãe-ambiente, no qual o ambiente nutridor saudável prioriza a integridade do lactente, respeitando seu tempo interno, singular, frente a uma cultura em que os valores são fluidos, as relações são instáveis e o sentimento de insegurança predomina (BAUMAN, 1998).

Hoje, sujeitos encontram-se submetidos a um discurso social de inclusão e pertencimento pela via material. Com o desenvolvimento da tecnologia, a crescente visibilidade dos aparelhos eletrônicos e as inúmeras possibilidades de compra, tornaram-se possíveis a circulação e aquisição mais rápida de mercadorias, proporcionando às classes baixas, através do consumo, o sentimento de pertencimento e inclusão social que não vivenciam em outras ocasiões, como na moradia, educação e oportunidade de trabalho. Dessa forma, como os valores do consumo atingem as camadas mais pobres? Como as avós lidam com o consumo e estabelecem limites aos netos?

Algumas variações socioculturais movidas por progressos científicos na passagem do século XX para o XXI possibilitaram abrir algumas observações, tais como: o prolongamento da expectativa de vida vem proporcionando um aumento do número de avós e resultando em um acréscimo no período em que estes exercem essa função (OLIVEIRA; VIANNA & CÁRDENAS, 2010); o advento do capitalismo, que possibilitou o desenvolvimento das

tecnologias e conseqüentemente procura de mão de obra qualificada; as transformações do papel da mulher dentro da sociedade (FÉRES-CARNEIRO, 2015).

Coexiste a demanda pela democracia no mercado de trabalho, na divisão de tarefas domésticas e na percepção de que os papéis são subjugados socialmente e internalizados como regras e ideais a serem seguidos. As crenças e valores transpassados no tempo enraízam posicionamentos colocados como naturais que, historicamente, há pouco começaram a ser questionados (ROCHA-COUTINHO, 2013).

As mudanças atuais na família e a enxurrada constante de informações propõem uma sustentação do cuidado com uma rede de apoio que possa amparar os novos pais no suporte suficientemente bom de seus bebês. No entanto, a figura paterna, acima de tudo, nomeia-se de forma muito debilitada e a rede familiar atua inconsistentemente, na função de suplência (FÉRES-CARNEIRO, 2015).

A relação mãe-bebê é a base e o solo fértil para a vida do sujeito. Ser coeso e ter autonomia são a principal função de um ego estabelecido. Os primórdios, com as sensações e registros, são decisivos para o sujeito ser nomeado e exercer sua identidade. O *holding*, amparo físico e ambiental ao lactente, é o conceito mais complexo e amplo, pois será estendido por toda a vida do sujeito, em sua percepção e construção de ideias e ações. As exigências da vida, como as relações desenvolvidas, necessitam dos parâmetros internalizados que foram impressos nos momentos iniciais e percebidos como organizadores para a identidade.

Não se desconsidera a importância dos cuidados iniciais serem transmitidos pela mãe, e eles têm seu valor e papel fundamental. O que se deseja interrogar, nesta pesquisa, transcende esta questão: é explorar a transmissão do cuidado e investimento psíquico, pelo meio da função materna, por outros cuidadores, sendo estes as avós.

Criança e sociedade de consumo

O questionamento intenso nos grupos de reflexão do projeto *Cuidando de Quem Cuida* sobre a “falta de limite” das crianças, nos dias atuais, e o seu paralelo com a percepção da autoridade, está intimamente relacionado ao tema central deste estudo. Até que ponto essa “falta de limite” das crianças, notória na contemporaneidade, é resultado da escassez da autoridade dos cuidadores no exercício de suas funções? Uma inversão dos papéis situa os

filhos na posição de “comandante” dos pais, os quais, atravessados pelos valores do consumo, saem da fase da repressão para uma geração “proibido proibir”. Medo em dizer “não” e não ter o amor dos filhos?

O impasse atual dos pais em sustentar uma relação mais íntima e aberta com os filhos promove um enfraquecimento da sua autoridade dentro da família. Assim, para sustentar uma relação próxima com esses filhos, que se encontram cada dia mais independentes, os pais estão dispostos a renunciar sua hierarquia. A autonomia dos filhos se contrasta à autoridade parental.

A dificuldade em colocar limites aparece, então, tendo em vista a sociedade de consumo atual que valoriza cada vez mais o “ter” em detrimento do “ser”. Dizer não em meio a uma sociedade em que se valoriza o prazer imediato e sem fim é cada vez mais difícil. No entanto, é importante sinalizar que cada sujeito, na sua singularidade, reagirá de uma maneira distinta em relação às demandas da sociedade de consumo. Sujeitos que não receberam cuidados suficientemente bons e não tiveram um ambiente nutridor satisfatório, tendem a ter dificuldades em lidar com a frustração e a satisfação (WINNICOTT, 1963).

O equilíbrio entre frustração e satisfação transmitido suficientemente bem permite ao lactente se constituir psicicamente. O bebê desenvolve o caminho da criatividade, a partir da tolerância à frustração. Em uma cultura na qual a frustração evita ser vivenciada, observa-se o processo criativo diretamente afetado, ou seja, o seu desejo não aparece. Segundo Winnicott (1967), as fases iniciais são registros para a organização do ego em formação e parâmetros para convivência e atitudes na interação social.

Esse sentimento de inclusão e pertencimento oferecido na cultura capitalista com base no consumo faz ressaltar o conceito de limite e a constituição da realidade psíquica, supracitados. Porém, em uma sociedade em que o consumo desenfreado é valorizado e tudo se mostra substituível, ou seja, o ambiente nutridor não se apresenta de forma satisfatória, intuindo o momento de frustração, colocando os limites e proporcionando um equilíbrio entre a satisfação e a frustração, há um abalo na percepção da criança com a realidade externa.

Em meio a este contexto, é considerável que existam avós que sustentem a transmissão dos valores e cuidado que internalizaram na sua infância, além de permitirem que a sensação de solidez, alheia na atualidade, possa ser recebida pelas crianças.

Conhecendo as avós cuidadoras

A partir da perspectiva teórica acima descrita, procurou-se analisar os vínculos de cuidado avós e netos nos dias atuais. Realizou-se uma pesquisa qualitativa, consistindo em entrevistas semiestruturadas realizadas individualmente na instituição em que o projeto *Cuidando de Quem Cuida* é cometido (União das Operárias de Jesus, Botafogo) e na residência de uma avó ex-participante do projeto.

O estudo contou com a participação de cinco avós e uma tia avó – que se nomeou avó, das classes baixas da população carioca. Foi realizada uma entrevista piloto para avaliar o roteiro de entrevista e com ela observou-se a necessidade de alguns critérios para a pesquisa: as entrevistadas deveriam ter algum vínculo já estabelecido com o projeto – ex-participante ou participante – e com a pesquisadora, pois o tema indaga questões muito particulares e de difícil diálogo, sendo fundamentais acolhimento e cuidado pré-estabelecidos; e que estivessem vivenciando o papel de cuidadora dos netos (função materna).

As entrevistadas apresentam idade de 55 a 67 anos, possuem em sua maioria formação fundamental; apenas duas completaram o Ensino Médio. Dois dados importantes são que todas as avós são maternas e que, as dividindo em duplas, observou-se ocupações de serviços gerais, aposentadas e do lar, sendo estas últimas as que apresentaram maior grau de escolaridade.

No campo de pesquisa, os encontros realizados pelo projeto ocorrem mensalmente, tendo uma hora e meia de duração. Todo o ambiente é organizado com o objetivo de cuidar melhor dos pais, cuidadores e responsáveis pelas crianças que estudam na instituição (União das Operárias de Jesus).

Com a análise do material colhido nas entrevistas, selecionou-se alguns temas que se apresentaram de forma recorrente no discurso das participantes, originando categorias de análise. Aqui se reterá às **mães-avós**.

Pode-se observar ao longo das entrevistas que os principais motivos para exercerem a função materna são o (des)comprometimento parental, mães que trabalham e impossibilidade materna.

“Se ela quiser vir ver a filha dela ou falar alguma coisa, ela vem aqui. [...] Aí ela falou – Leva ela que eu vou ficar com ele e não dá *pra* eu ficar com os dois. Aí, sendo que ela já estava... não estava cuidando, porque *pros* vizinhos do lado chamarem o conselho tutelar pra ela.” (M.J).

“[...] Eu levanto, esquento o leite, quando a mãe se levanta, ela o veste. Eu arrumo toda a roupa na mochila, coloco a roupa passada na mochila, a toalha, tudo pronto. Ela só o veste e o traz todos os dias. Daí eu apanho. Porque ela não tem quase tempo de ficar em casa [...] O dia todo sou eu com ele. A mãe chega mais tarde do trabalho, uma hora, quando ele já está dormindo. Por isso ele quase não convive com ela” (N).

“Eu fiz de tudo *pra* que ela ficasse comigo, mas... eu vi que não estava dando, a minha opinião não era a dela, meu esforço estava só indo embora, entendeu. Aí, chegou uma hora que o relacionamento cortou (...) o que me confortou mesmo foi o neto. Ela não tem nenhuma capacidade de criar, entendeu? Ela pegou um problema seríssimo quando criança, bebê, que eu não sei o que partiu lá. O que que houve lá na casa das parentes. Sei que ela perdeu uma visão e ela tem um pouco de motricidade lenta, entendeu?” (J.).

Observou-se que as avós assumem esse lugar de mães-avós por terem internalizado o papel de *mãe suficientemente boa* na sua infância e através do *gesto espontâneo* transmitem aos netos o acolhimento e cuidado necessários para seu desenvolvimento saudável. É como se vivenciassem duplamente o papel de mãe, enquanto as filhas, por motivos singulares, não exercem tal função.

Outro fato que sinaliza tal afirmação é a perda do lugar da tradição, das referências que hoje não estão mais presentes na família e sim no saber especializado, externo. Além disso, por virem de outra geração, na qual os valores e a transmissão de limites eram prestigiados, essas avós são delegadas para criarem seus netos nessa sociedade falha e instável, na qual as mães, muitas vezes, não se reconhecem como capazes de exercer seu papel.

“Eu acho que o laço familiar hoje não é mais como era antes, né? Que a gente tinha aquela, aquela coisa de obediência, de respeito, *né*? E hoje você vê que a criança pequena se a gente não tiver pulso firme com eles... eles batem na gente, *né*? [...] É difícil uma família ter aquele momento de se reunir numa mesa pra tomar um café, pra almoçar, *né*... é difícil essas coisas acontecerem hoje... aí se espera, assim, final de ano pra realizar e às vezes não se realiza, *né*... é... quer dizer, são valores que vão se deteriorando [...]” (C.).

Os sentimentos de insegurança e de incerteza presentes na contemporaneidade são vivenciados também nos relacionamentos familiares. Com o advento do capitalismo e a evolução tecnológica, a demanda por mão de obra especializada aumentou, provocando nas classes baixas, principalmente, a procura por novos meios de sobrevivência. A necessidade constante de buscar melhores condições de vida para os filhos e familiares, as poucas ofertas de trabalho e os baixos salários são aspectos recorrentes nos dias de hoje.

“[...] conturbado. Difícil. as crianças estão muito difíceis [...] Tem que trabalhar. Eu tive que voltar a trabalhar, fazer bico, meu marido também. E isso deixa a gente um

pouco ali preocupada. Aluguel... aí, as crianças também não... são muito teimosas. Ah, a família antes era mais construtiva.” (S.).

“Olha eu acho muito complicado. É muito complicado hoje em dia você educar os filhos do jeito que você quer [...] o custo de vida era mais fácil. Você trabalhava, tinha mais... o dinheiro rendia mais. Hoje em dia já é mais difícil.” (R.).

Esses aspectos da sociedade atual foram os mais relatados pelas entrevistadas, sinalizando o desejo interno de proteção e cuidado dos netos, frente à instabilidade financeira das filhas e da sua família, de maneira geral. A valorização social do prazer imediato e da sensação constante de felicidade promove a busca ilusória de plenitude pela geração dessas mães, fazendo com que as avós, vindas de outra geração, acolham a responsabilidade de cuidar.

“Assim... agora eu cuido do D., porque realmente eu gosto muito, muito, muito, dele e gosto também muito de criança pequenininha... tem muitas mães boas, carinhosas, né? Mães-avós, né (...). E as mães às vezes põe a mão por cima, né, da cabeça *pra* ver se realmente dá certo, mas quando não dá a gente então toma a frente, né? Meu neto é nesse caso.” (J.).

O pouco tempo das mães com seus filhos é, em alguns casos, associado com essa necessidade de satisfazer as vontades das crianças, ser mais permissivo, já que o tempo “disponível” para eles é muito curto e não querem se aborrecer. Assim, a compra de produtos e brinquedos, como meio substituto do carinho e cuidado que não conseguem oferecer aos filhos, propicia a mesma ilusão de pertencimento social e igualdade pela via material. Mesmo sendo das classes baixas, residem no mesmo ambiente e desejam usufruir das mesmas ofertas.

“Ele não quer saber do pai. Mas eu estou forçando ele ir, né? Então é tanto quando o pai falou *pra* ele: você vai vir meu filho, me ver? Aí ele falou assim: por quê? E você vem buscar seu presente. Então ele ficou assim: ah, então eu vou [...] Mesmo que ele conquiste ele com presentes, com boas roupas, bons sapatos, mas eu não sei.” (J.).

Considerações finais

É possível ressaltar que os atravessamentos da cultura atual podem influenciar nos cuidados primários da criança. É fundamental relatar sobre a necessidade de apoio para esses pais que, imersos nesse modo de vida atual, também necessitam de cuidado, em uma sociedade que se encontra carente de cuidado com os cuidadores. Sendo assim, o cuidado com as crianças é afetado diretamente. A dificuldade dos responsáveis em colocar limites e assumir suas funções é vista como reflexo dessa realidade. É possível perceber

paradoxalmente, nessas situações de escassez de limite, a prática equivocada do autoritarismo em prol do dever de exercer o papel de autoridade, fundamental para a constituição psíquica da criança. Segundo Figueiredo (2009), pode-se estar vivendo um momento de crise dos cuidadores, pois cada vez menos se sentem capazes e dispostos em cuidar, além de quando o fazem reproduzirem comportamentos automáticos e estereotipados.

É através da hierarquia e separação dos papéis que a internalização dos limites é viável e conduzida de forma saudável nos vínculos de cuidado. Já a dificuldade em perceber as necessidades do outro e a educação pelo medo, prejudicam a subjetividade, pois neste caso a criança responde ao ambiente pela imposição e não pela internalização do limite organizador – norteador dos valores (PLASTINO, 2009).

As avós inserem-se, assim, no fato de que essa lacuna no exercício da autoridade precisa ser preenchida, para exercer uma função organizadora do psiquismo dos netos.

Posto isto, julga-se o presente estudo como uma temática recente e, por isso, não se pode ainda classificar os impactos dos cuidados “voternos” na vida dos netos e, conseqüentemente, no seu desenvolvimento. Todavia, conta-se ser de grande relevância para a constituição psíquica da criança uma relação com a figura materna – avó – alicerçada no afeto e na harmonia.

Referências

ARAÚJO, C. P. de; DIAS, C. M. de S. B. Avós guardiões de baixa renda. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 4, n. 2, São João del-Rei, jul. 2010.

ARIÈS, P. **História social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

COELHO, M.T.B.F. & DIAS, C.M de S. B. Avós Guardiões: Uma revisão sistemática de literatura do período de 2004 a 2014. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 32, n. 4, p. 1-7, 2016.

DEL PRIORE, M. **Ao Sul do Corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia**. Brasília: EdUnb; Rio de Janeiro: J. Olympio, 1993.

_____. **História das mulheres no Brasil**. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 1997.

FIGUEIREDO, L.C. As diversas faces do cuidar: considerações sobre a clínica e a cultura. In: MAIA, M.S. (org.). **Por uma ética do cuidado**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

FONTES, I. A construção silenciosa do ego corporal. **ALTER – Revista de Estudos Psicanalíticos**, v. 29, n. 2, p. 83-90, 2011.

_____. **A descoberta de si mesmo na visão da psicanálise do sensível**. São Paulo: Ideias & Letras, 2017.

FÉRES-CARNEIRO, T. (Org). **Família e casal**: parentalidade e filiação em diferentes contextos. Rio de Janeiro: Prospectiva & PUC-Rio, 2015.

FREUD, S. O estranho (1919). In: _____. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. Vol. XVII.

PIRES, S. **Voternidade**: Ser avô, ser avó: um doce desafio. 1ª ed. São Paulo: Biblioteca 24 horas, 2015.

OLIVEIRA, A. R. V.; VIANNA, L. G.; CÁRDENAS, C. J. Avosidade: Visões de avós e de seus netos no período da infância. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 13, n. 3, p. 461–467, 2010.

PLASTINO, C.A. A dimensão constitutiva do cuidado. In: MAIA, M.S. (org.). **Por uma ética do cuidado**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

ROCHA-COUTINHO, M. L. A difícil arte de harmonizar família, trabalho e vida pessoal. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org). **Casal e Família**: Transmissão, conflito e violência. Rio de Janeiro: Casa do Psicólogo, 2013.

ROUDINESCO, E. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

WINNICOTT, D. W. O primeiro ano de vida: concepções modernas do desenvolvimento emocional. In: _____. **A família e o desenvolvimento individual**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 1958.

_____. Teoria do relacionamento paterno-infantil. In: _____. **O ambiente e os processos de maturação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1960.

_____. Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo. In: _____. **O ambiente e os processos de maturação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1963.

_____. O papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil. In: _____. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1967.

Recebido em: 03/08/2017.

Aceito em: 01/12/2017.